

## POR UMA PRÁTICA DE LEITURA LITERÁRIA ANTIRRACISTA E AFRO-BRASILEIRA

Carlos Magno Gomes  
Deise Santos do Nascimento

**Resumo:** Partindo da temática afro-brasileira, o presente artigo propõe uma prática de leitura antirracista do conto “Regina Anastácia” da coletânea *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), de Conceição Evaristo. Metodologicamente, serão revisitadas as discussões sobre o lugar social do/a leitor/a no processo de decodificação do texto literário conforme S. Hall e B. Street e sobre a concepção social-identitária segundo R. Cosson e C. Gomes. Quanto às marcas da literatura afro-brasileira e de uma pedagogia antirracista, seguiremos as orientações de E. Duarte, N. Gomes, S. Carneiro, entre outros/as. Nossa proposta articula a mediação literária voltada tanto para explorar as pistas estéticas e culturais do texto como para a identificação do/a leitor/a com as questões afro-brasileiras que envolvem o processo de criação literária.

**Palavras-chave:** Recepção literária. Abordagem social-identitária. Conceição Evaristo.

## FOR AN ANTI-RACIST AND AFRO-BRAZILIAN LITERARY READING PRACTICE

**Abstract:** Based on the Afro-Brazilian theme, this article proposes an anti-racist reading practice of the short story “Regina Anastácia” from the collection *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), by Conceição Evaristo. Methodologically, we will revisit the discussions on the social place of the reader in the process of decoding the literary text according to S. Hall and B. Street and on the social-identity conception according to R. Cosson and C. Gomes. Regarding the marks of Afro-Brazilian literature and an anti-racist pedagogy, we will follow the guidelines of E. Duarte, N. Gomes, S. Carneiro, among others. Our proposal articulates literary mediation aimed at both exploring the aesthetic and cultural clues of the text and at the reader’s identification with the Afro-Brazilian issues that involve the process of literary creation.

**Keywords:** Literary reception. Social-identity approach. Conceição Evaristo.

Este artigo traz resultados de uma pesquisa sobre as particularidades de uma abordagem antirracista da leitura literária, levando em conta as reflexões sobre as escrituras transpostas pelo conto “Regina Anastácia”, da coletânea *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), de Conceição

Evaristo. Inicialmente, propomos reflexões sobre leituras democráticas, a partir das discussões articuladas por Nilma Lino Gomes (2012), Sueli Carneiro (2020), Kabengele Munanga (2012) e Eduardo Duarte (2011), acerca de uma visão antirracista da história e da valorização da literatura afro-brasileira. Metodologicamente, exploramos a abordagem sobre “codificação/decodificação” das comunidades interpretativas diferenciadas por Stuart Hall (2003) e a perspectiva de leitura social-identitária identificada por Rildo Cosson (2020). Com isso, destacamos aspectos de uma recepção antirracista para ampliarmos estratégias de leitura literária<sup>1</sup>.

Tal abordagem passa pela seleção de textos de matriz africana e pelo questionamento do ponto de vista do colonizador que continua a ecoar na contemporaneidade. Para Kabengele Munanga, em especial na obra *Negritude: usos e sentidos* (2012), a partir de imagem de afrodescendentes, presentes em relatos históricos e sociológicos, precisamos fazer intervenções acerca de possíveis encaminhamentos para ressignificar ou discutir sobre os valores e estratégias para uma melhor recolocação de negros e negras, em nossa sociedade. Levando em conta essa perspectiva, pensamos em uma pedagogia antirracista, ao oportunizar um ensino de literatura pautado pelo questionamento do imaginário do racista historicamente introjetado em nossa literatura.

Essa concepção dialoga com práticas de leitura interculturais, favorecendo a construção de identidades plurais, que rechaçam qualquer tipo de preconceito étnico-racial. Sueli Carneiro destaca que o racismo é uma forma de invisibilizar o povo negro e “faz parte de um elenco de estratégias que têm determinado a invisibilidade do negro nas diferentes esferas da vida nacional, através dos conhecidos mecanismos socialmente instituídos de discriminação social” (2020, p. 15). Para superação dessa invisibilização, articulamos orientações pedagógicas com a valorização do ponto de vista do povo negro, já que “necessariamente, as narrativas daquelas que foram forçadas ao lugar do *Outro*, serão narrativas que visam trazer conflitos necessários para a mudança. O não ouvir é a ten-

---

1. Este texto traz resultados de uma pesquisa de doutorado defendida por Deise Nascimento e orientada por Carlos Magno Gomes, entre 2019-2024, no PPGL/UFES, intitulada *Uma leitura da insubmissa escrivência de Conceição Evaristo*, destacando as particularidades antirracistas da obra *Insubmissas Lágrimas de mulheres* (2011), de Conceição Evaristo.

dência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os *Outros*, enquanto esses *Outros* permanecem silenciados” (Ribeiro, 2017, p. 78).

Para uma pedagogia da leitura literária antirracista, destacamos a importância da formação do professor mediador, que se volta para as questões étnico-raciais, retomando os pressupostos da Lei 10.639/2003, ampliadados pela Lei 11.645/2008, para articular um ensino intercultural conforme nos orientam da BNCC/2018. Nessa empreitada, sugerimos obras que trazem as particularidades da literatura afro-brasileira que, conforme Eduardo de Assis Duarte (2011), são marcadas por cinco parâmetros: a questão temática da afro-brasilidade como um desafio sociocultural; a valorização da autoria engajada com a luta do povo negro; o privilégio do ponto de vista que contesta estereótipos e traz imagens positivas de negros e negras; a linguagem voltada para resgatar as contribuições africanas para a cultura brasileira; e o público por se tratar de obras que estão preocupadas em propor novos horizontes de expectativa sobre o povo negro.

Dessa forma, falar em textos afro-brasileiros é também destacar autores/as oriundos/as envolvidos/as politicamente em revisar os discursos de opressão impostos pela colonização e mantidos durante o Império e a República. Duarte salienta que “é inegável que a afro-brasilidade, aplicada à produção literária enquanto requisito de autoria e marca de origem, configura-se como perturbador suplemento de sentido oposto ao conceito da literatura brasileira” (2011, p. 08). Portanto, essa classificação é também uma forma de resistência e de revisão do cânone, indicada para ampliarmos diferentes pontos de vista da história literária.

Na sequência, vamos propor reflexões sobre uma pedagogia antirracista e suas contribuições para a formação de leitores/as cidadãos/ãs.

### **Por uma abordagem antirracista**

Para uma prática de leitura antirracista, precisamos assegurar uma abordagem voltada para o processo de identificação do/a leitor/a com a temática afro-brasileira e com o questionamento do racismo estrutural. Nesse rumo, dialogamos com a proposta de leitura que privilegia o para-

digma social-identitário, que, segundo Rildo Cosson, pode ser articulado pelo diálogo entre os “eixos” estético e ético das obras literárias. Para tanto, devemos relacionar elementos da forma e do conteúdo a fim de valorizar a relação entre leitor/a e autoria: “para o desenvolvimento do senso crítico, a leitura desveladora do caráter social das obras clássicas e canônicas, o respeito às minorias e o papel da escola na desconstrução de preconceitos e na formação de cidadãos” (Cosson, 2020, p. 99).

Para fundamentar a abordagem social-identitária, vamos agregar as reflexões de Stuart Hall sobre “codificação-decodificação” (2003), como um processo de questionamento da “comunidade interpretativa” a que o texto se destina; as questões do letramento social de Brian Street (2014); e o “modelo cultural de leitura” de Carlos Magno Gomes (2012). Para Hall, há três tipos de leitura conforme os interesses ideológicos: a preferencial, a negociada e a de oposição. A leitura preferencial está convencionalizada socialmente e reforça padrões hegemônicos da comunidade interpretativa dominante (Hall, 2003, p. 337). Quando estamos abordando representações afro-brasileiras, consideramos uma leitura preferencial aquela que repete os discursos racistas de inferiorização dos/as afrodescendentes e da cultura africana, impostos pela colonização e mantidos historicamente para privilegiar a classe dominante.

No caso de uma leitura “negociada” sobre o racismo, acreditamos que o mito da “democracia racial” tenha sido usado para atenuar o preconceito e a discriminação social, visto que prega uma ilusória igualdade entre brancos e negros. Essa leitura negociada prevalece em muitas representações literárias e culturais voltadas para descrever personagens negras, que deixam de lado as marcas culturais dos afro-brasileiros para valorizar o padrão hegemônico. Assim, a leitura “negociada” acontece quando reconhecemos o discurso racista na relativização das “engrenagens de poder” como destaca Hall (2003, p. 369).

Para fugirmos das duas primeiras opções de leitura, em uma prática de educação antirracista, recomendamos a recodificação dos discursos históricos por meio de uma leitura “de oposição”, visto que estamos interessados em questionar o padrão, por isso pautamos pela “decodificação” do texto literário a partir de uma interpretação “a contrapelo”, que valoriza a revisão histórica

e questiona os valores hegemônicos (Hall, 2003, p. 343). Essa leitura questionadora da história única é proposta por diversos/as ativistas negros/as que enfrentam e denunciam comportamentos sociais que invisibilizam o racismo.

Tal leitura “a contrapelo” do preconceito racial é articulada por Nilma Lino Gomes quando nos alerta sobre a urgência de revisarmos o racismo e suas marcas negativas que foram implantadas no decorrer da história. Para isso, “é importante também, uma releitura histórica, sociológica, antropológica e pedagógica que compreenda, valorize e reconheça a humanidade, o potencial emancipatório e contestador do povo negro do Brasil e a nossa ascendência africana” (2012, p. 8). Entende-se, então, que estamos diante de uma ação que, de maneira pedagógica, está situada em uma política de ações afirmativas, que procura dar visibilidade a voz de negros e negras.

Diante dessa urgência, exploraremos a perspectiva social-identitária de leitura literária alinhada à seleção de textos afro-brasileiros a fim de destacarmos percursos positivos de personagens negros/as, já que “as obras literárias garantem reconhecimento e legitimidade à identidade de grupos minoritários, funcionando como uma forma de empoderamento simbólico dos integrantes desses grupos” (Cosson, 2020, p. 101). Essa ampliação do imaginário literário passa pelo letramento social e por práticas culturais de interpretação da arte. Brian Street (2014) destaca que o letramento não está limitado a habilidades sobre o ler e escrever, pois está associado a relações de poder, hierarquia, controle e autoridade.

Assim, para uma pedagogia antirracista, devemos promover a revisão dos letramentos escolares e incorporamos a relevância dos letramentos sociais para ampliação do nosso horizonte de expectativas, já que “leituras revisitadas de muitos relatos passados de contato de culturas” possibilitam “novas etnografias”, importantes “para nosso entendimento das ideologias de poder” (Street, 2014, p. 68).

Colaborando com esse debate, Maria de Fátima Berenice Cruz nos alerta para a importância de planejarmos vivências literárias que proporcionem experiências de leitura participativas, visto que a leitura literária pode ser vista como “um ato político” ao excluir “técnicas de memorização” e ampliar a “as expectativas do sujeito leitor dentro do seu universo dialógico” (Cruz, 2012, p. 182). Tal abordagem também é ressaltada por Carlos

Magno Gomes, ao discutir as contribuições dos Estudos Culturais para a leitura literária, quando reforça que “o texto necessita de uma leitura que interprete os significados estéticos como sociais e relacione o texto a suas heranças culturais” (2010, p. 31-32).

Levando em conta tais pressupostos dialógicos do texto literário, precisamos ir além da estrutura textual para explorarmos diálogos e conexões entre literatura e cultura, visto que um texto não está completo em si e tampouco é autônomo, pois “disfarça os pressupostos culturais e ideológicos que o sustentam para que possam ser apresentados como se fossem neutros e universais” (Street, 2014, p. 77). Tal abordagem reforça que não há um modelo neutro de letramento, visto que todo processo de leitura está atravessado por valores de diferentes comunidades interpretativas.

Particularmente, para uma prática antirracista, nossa intenção é explorar as marcas estéticas e ideológicas da literatura afro-brasileira, pontuando as especificidades destacadas por Duarte (2011): temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público, para ofertarmos “experiências de leitura enriquecedoras, em que a literatura se mostre como uma realidade possível, ativadora de imaginação e do conhecimento do outro e de si mesmo” (Aguilar, 2011, p. 8). Assim, valorizamos experiências estéticas que proporcionam a ativação de novas imagens do povo negro, no processo de recepção literária, já que “o leitor do paradigma social-identitário participa ativamente do discurso literário, seja demandando e compartilhando com o autor a construção identitária que é representada na obra (Cosson, 2020, p. 103).

Esse debate também é pensado por meio das reflexões metodológicas que envolvem o “modelo cultural de leitura” (Gomes, 2012), destacando o processo de identificação do/a leitor/a diante de diferentes questões identitárias que podem passar pelas interfaces étnico-racial, de gênero e/ou de classe, entre outras. Nesses casos, exploramos a literatura tanto como objeto “estético-artístico” como produção “estético-cultural”, “marcada pelas diferenças ideológicas que fazem parte da construção textual e da recepção crítica” (Gomes, 2012, p. 168).

Assim, ao alinharmos uma abordagem social-identitária aos textos da literatura afro-brasileira, propomos um giro para o letramento literário, ampliando os saberes oriundos da matriz africana, já que estamos

preocupados em ir além do “letramento *per se*” para mergulharmos nas camadas de “conteúdo” e de “ideologia” dos textos (Street, 2014, p. 86). Na prática, esse tipo de recepção crítica passa pelas trocas de sentidos entre o “horizonte individual” e o “horizonte da obra”, proporcionando entrelaçamentos de experiências e dando ao/à leitor/a “maior conhecimento do mundo e de si próprio” (Aguiar, 2011, p. 29). Portanto, priorizamos uma prática de reconhecimento de alteridades do texto, próprio da abordagem social-identitária, que está voltada para “conduzir ou reforçar por meio do texto literário o conhecimento do outro ou, mais precisamente, o reconhecimento da alteridade e da diversidade dos seres humanos” (Cosson, 2002, p. 105).

Para esse desafio, ampliamos “os direitos do/a leitor/a” enquanto sujeito coautor no processo de recepção do texto literário, demandando tanto o conhecimento da coleção de textos afro-brasileiros como as particularidades estéticas dessas obras como as de autoria de Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto, Solano Trindade, Maria Carolina de Jesus, Cuti, Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Miriam Alves, Cristiane Sobral, entre tantos/as outros/as.

Para exemplificar uma abordagem antirracista e afro-brasileira, vamos passar a comentar as opções interpretativas do conto “Regina Anastácia”, de Conceição Evaristo.

### **A escrituragem antirracista**

A leitura literária, quando mediada por uma educação antirracista, é apropriada para recodificarmos os estereótipos do povo negro e dos privilégios herdados da elite brasileira, como nos orienta Djamilia Ribeiro quando questiona: “a ausência de pessoas negras em espaços de poder” e propõe que os “privilégios não sejam naturalizados ou considerados apenas esforço próprio” (2019, p. 32). Tais estratégias de exclusão também foram naturalizadas na história literária, quando observamos que a figura do/a autor/a afrodescendente “não é posta com destaque” ou é caracterizada “pelos modos inferiorizantes como a sociedade os percebe” (Souza; Lima, 2006, p. 6).

Assim, uma prática de leitura democrática deve ser calcada na revisão dessas estratégias de silenciamento nas quais esses pontos de vista são questionados diretamente pelos textos literários. Nesse sentido, a abordagem afro-brasileira e antirracista da leitura literária está comprometida eticamente em revisar tais estratégias de exclusão, experimentando novas possibilidades como a de “enegrecer a educação”, conforme nos orienta Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, ao destacar marcas próprias do povo negro: seu pertencimento étnico-racial, seu empoderamento e sua capacitação para uma cidadania livre de estereótipos, deslocando “o olhar de seu próprio mundo e, dessa forma, conseguir compreender distintos modos de pensar, de ser, de viver” (2010, p. 42).

Entre as obras de afrodescendentes, passaremos a abordar a escrita de Conceição Evaristo e sua proposta de “escrevivência” como uma promissora estratégia de ampliação do horizonte cultural acerca das contribuições do povo negro para a construção da história do Brasil. Sua literatura questiona os estereótipos que vinculam negros e negras a “preguiçosos, adultos infantis, desorganizados em seus ambientes sociais e culturais, extremamente sexualizados com seus corpos infecundos, sujeitos incapazes de pensar e viver sentimentos como o amor, o afeto” (Evaristo, 2020, p. 29). Em oposição a tais representações, suas personagens são construídas dentro de uma relação empática entre a escritora e a personagem, traduzindo dramas existenciais do povo negro.

Sua proposta de “escrevivência” é considerada inovadora para a literatura brasileira, sobretudo, ao destacar suas experiências comprometidas com o coletivo, como destaca Constância Lima Duarte: “escrita lúcida e solidária” e “comprometida com a história coletiva” (2020, p. 155). A própria Evaristo deixa pistas desse compromisso ao se aproximar de suas representações literárias: “a escritora ou o escritor ao inventar a sua escrita, pode deixar um pouco ou muito de si, consciente ou inconscientemente, creio que a pessoa que lê, acolhe o texto, a partir de suas experiências pessoais, se assemelhando, simpatizando ou não com as personagens” (Evaristo, 2020, p. 29). Ao pontuar sua escrevivência como um horizonte de expectativas, ela nos convida a experimentarmos uma “leitura de vivências”.



Por essa perspectiva, a escrevivência pode ser vista como um exercício de leitura afro-brasileira em oposição aos discursos hegemônicos. Assim, para a construção de uma abordagem provocante, precisamos desregular padrões sociais, já que nossas leituras não estão livres de valores que carregamos, pois elas “surgem da família em que você foi criado, dos lugares que trabalha, das instituições a que pertence, das suas outras práticas” (Hall, 2003, p. 348). Nesse caso, a abordagem social-identitária da escrevivência de Evaristo colabora para revisarmos as injustiças impostas aos afrodescendentes como veremos na análise no conto “Regina Anastácia”.

Esse conto faz parte da coletânea *Insubmissas lágrimas de mulheres*, publicado pela primeira vez em 2011, com treze histórias de mulheres negras. Em comum, essas narrativas falam de traumas que têm origem na naturalização do racismo e da violência contra a mulher, todavia destacam a sororidade entre mulheres negras que são as protagonistas de suas próprias histórias, intituladas com seus nomes: Aramides Florença, Natalina Soledad, Maria do Rosário, Shirley Paixão, Adelha Santana Limoeiro, Isaltina Campo Belo, Mary Benedita, Mirtes Aparecida Daluz, Líbia Moirá, Rose Duseis, Lia Gabriel, Saura Benevides e Regina Anastácia.

O conto “Regina Anastácia” propõe a revisão da naturalização dos privilégios dos brancos ao descrever o modelo de como as cidades do interior se organizaram depois da Abolição e da República, como herdeiras dos latifundiários: “O único banco, chamado “Moeda de Antanho” pertencia à família Duque D’Antanho. Aliás, não só o banco pertencia ao povo de Antanho, tudo ali era deles” (Evaristo, 2016, p. 113). Portanto, é um texto de revisão dos privilégios da elite brasileira e se pauta pelos princípios da literatura afro-brasileira como destacado por Eduardo Duarte, ao privilegiar o ponto de vista de oposição ao discurso hegemônico.

Esse conto é muito importante para contestarmos a subalternização dos afrodescendentes. Tal recodificação da história é articulada por meio da valorização dos saberes africanos como o domínio da culinária e saberes ancestrais: “Duas de minhas tias, assim que chegaram à cidade, foram chamadas para cozinhar na casa de Geraldo Duque de D’Antanho. E, para minha mãe, famosa pelos seus doces e pães, foi oferecida uma vaga na cozinha da maior padaria dos Antanhos. Ela não quis, para surpresa de nossa família” (Evaristo, 2016, p. 115-116).

Nesse rumo, Regina narra o enfrentamento de sua família para se libertar economicamente da história de privilégios dos herdeiros dos latifúndios brasileiros. Entre as marcas desse recontar a história está a oportunidade para ouvirmos outras versões acerca das festas promovidas por seu povo: “Antes do sol se pôr”: “No lugar alguns africanos e seus descendentes, ainda escravizados, se reuniam dançando e cantando” (Evaristo, 2016, p. 114).

O racismo estrutural é descrito em diversas partes e foi experimentado pela própria protagonista, Regina, ao ser rejeitada pela família do marido, Jorge, filho de um D’Antanho. Ela é execrada pelos familiares do pretendente por ser negra e pobre. Todavia, ela e sua família superam esse episódio com resistência e muito trabalho. Como não houve negociação entre a família D’Antanho, Regina e Jorge se casaram à revelia e sofreram consequências como a perda de trabalho das tias de Regina e a perda dos direitos à herança de Jorge: “A desobediência causou a expulsão do nome dele do testamento” (Evaristo, 2016, p. 122).

Ao retomar um tempo em que as desigualdades explícitas eram aceitas como padrão, Evaristo chama à atenção para as estratégias de subalternização do povo negro. Esse passado é um fantasma que nos assombra como reforça Florestan Fernandes (2007, p. 40), ao reconhecer o problema estrutural dos privilégios dos brancos, visto que “uma verdadeira democracia racial” só existirá se as investigações científicas forem aceitas e aproveitadas na construção de uma sociedade multirracial. Historicamente, no processo de ascensão social para negros/as, houve um falso discurso de oportunidade para todos, que mascarava a perversidade de um sistema de segregação racial: “as oportunidades foram aproveitadas pelos grupos melhor localizados da “raça dominante”, o que contribuiu para aumentar a concentração racial de renda, do poder e do prestígio social em benefício do branco” (Fernandes, 2007, p. 46).

No processo de leitura literária, devemos priorizar o fato de o conto “Regina Anastácia” resgatar a resistência e luta do povo negro contra a segregação social imposta. Nesse processo de interpretação, devemos contrapor as diferentes possibilidades interpretativas como nos alerta Hall (2003, p. 328): “é bem possível para um indivíduo ou grupo, em um deter-

minado momento, decodificar no que chamo de “códigos hegemônicos” e, em outro momento, usar códigos de oposição ou contestatários”. Esse conto revisa a história apresentando códigos contestatários do racismo e dos privilégios da elite brasileira.

Assim, entrar em contato com a riqueza dos saberes da protagonista desse conto pode ser articulada como uma estratégia de ampliação do horizonte de expectativas do/a leitor/a, pois vai na contramão dos discursos hegemônicos, narrando a trajetória de uma família trabalhadora e unida na luta pela prosperidade de todos sem cair em uma visão romântica: “A tendinha crescia e, com muito trabalho, fomos fazendo dela uma padaria. Tínhamos uma clientela própria... O poderio da família D’Antanho não acabou, mas, ao longo do tempo, foi ficando mais abalada, na medida em que um outro ia se afirmando fora do círculo de comando deles” (Evaristo, 2016, p. 123).

Vale destacar também que, no processo de mediação literária, é muito importante que sejam apontados diferentes horizontes interpretativos de valores históricos. Diante de tais possibilidades, a prática antirracista é embasada pelos questionamentos de valores hegemônicos pois opta “por uma leitura revisionista que atualize os significados dos textos” (Gomes, 2012, p. 170). No caso de Evaristo, ela resgata a memória do povo negro, quando reconta a história de uma família que tem ancestrais que conseguiram comprar suas cartas de alforria e são excelentes profissionais e conquistaram seu espaço com união e trabalho, enaltecendo a cultura afro-brasileira.

Como visto até aqui, na prática de leitura antirracista, o fundamental é que o/a mediador/a tenha para com a literatura que ensina um compromisso íntimo e pessoal, ou seja, que não valorize só o saber técnico, mas reconheça as questões identitárias em jogo no processo de recepção (Cosson, 2020, p. 141). Para alcançarmos um debate que envolva princípios de uma pedagogia antirracista, os participantes da leitura devem colaborar com a construção dos sentidos, pois precisamos promover a sensibilidade do/a leitor/a com aspectos sociais descritos “no texto literário, ou seja, espera-se do aluno uma atitude empática frente à diversidade social” (Cosson, 2020, p. 111).

Retomando as possibilidades de leitura do conto “Regina Anastácia”, destacamos que essa narrativa reverbera acontecimentos do passado para repensar um presente democrático. Essa estratégia própria da literatura afro-brasileira reforça uma prática de enegrecer a cultura, como sugere Petronilha Silva, pois ao “enegrecer” a história, estamos reafirmando valores antes marginalizados (2010). Esse enegrecer está presente na valorização da ancestralidade e de elementos próprios da cultura de matriz africana, presentes na vida familiar de Regina: “Fui coroada na capelinha, primeiro como Princesa e depois como Rainha Conga. O terreiro da capela e do clube se misturaram, é lugar de nossas rezas, festas e danças. No mês de outubro, a festa do Rosário acontece ali” (Evaristo, 2016, p. 115).

Além da valorização da cultura de seu povo, Regina destaca aspectos positivos da sua família, descrevendo a formação educacional e a qualificação profissional de seus filhos: “O primeiro se tornou farmacêutico como o pai, o segundo seguiu carreira militar, o terceiro é alfaiate, uma das meninas se formou professora e a outra foi ser missionária e, no momento, está em uma missão, em povoado da Tanzânia, na África” (Evaristo, 2016, p. 124). Ao falar dos seus, Regina dá visibilidade a negros e negras que conseguiram romper ao racismo estrutural.

Esteticamente, observamos que esse texto traz diversas vozes afro-brasileiras, pois se trata de uma narrativa com duas narradoras: aquela que vai ouvir Regina, a narradora visitante, e a própria Regina. A sobreposição dessas vozes reforça a perspectiva de coletividade do texto e a irmandade entre mulheres negras, presente na aproximação entre a narradora e Regina, reforçando a sororidade entre elas: “Continuou a voz majestosa – narrando uma história particular de vida, na qual, em muitas passagens, eu escutava não só a dela, mas também a de muitas mulheres do meu clã familiar” (Evaristo, 2016, p. 113).

Esse conjunto de vozes que pulsa neste conto é uma forma de Evaristo prestar homenagens a outras mulheres de seu povo. Consideramos essa construção de escrituras como uma estratégia estética compromissada com a revisão do passado, presente tanto na valorização da ancestralidade, como na superação da segregação racista. Ao afirmar que a voz de Regina trazia a voz de mulheres de sua família, a narradora reforça o quanto

a escrevivência é também um resgate da memória coletiva: “Lembranças de outras rainhas me vieram à mente: Mãe Menininha de Gantois, Mãe Meninazinha d’Oxum... E ainda várias mulheres, minhas irmãs do outro lado do Atlântico, que vi em Moçambique e no Senegal, pelas cidades e aldeias” (Evaristo, 2016, p. 112).

Ao seguir as pistas das heranças afro-brasileiras do conto “Regina Anastácia”, constatamos que há diversas chaves de leitura para uma recodificação da história, revisando o discurso de privilégios da elite branca e os estereótipos atribuídos ao/à negro/a para pensar uma saída para o racismo. Assim, pela proposta de leitura social-identitária voltada para questionar o racismo estrutural, contribuímos para uma educação que prima por práticas interculturais e plurais, nas quais as obras afro-brasileiros/as ampliam nossa visão acerca das contribuições do povo negro para a formação da identidade cultural brasileira.

### **Considerações finais**

Ao selecionarmos o paradigma social-identitário para a decodificação de textos afro-brasileiros, estamos propondo novas estratégias para a leitura literária, sem perdermos o compromisso com as particularidades da recepção em que os sentidos dos textos são construídos de forma dialógica e compartilhada coletivamente. Por isso, deixamos essa abordagem como uma sugestão de mediação literária, na qual a revisão da história é um dos nossos horizontes de expectativas, aproximando nossos/as alunos/as de heranças culturais africanas.

Consideramos essa abordagem de leitura literária como um instrumento de resistência cultural para pensarmos na formação de leitores/as críticos voltados para a vivência de uma sociedade mais justa e igualitária. Por isso, o processo de identificação do/a leitor/a com o texto afro-brasileiro é fundamental para o desenvolvimento dessa prática de leitura, pois acreditamos no “engajamento político que se efetiva pela valorização de autores e obras, que representam e dão voz e protagonismo àqueles que foram e ainda são socialmente excluídos e discriminados por suas diferenças em relação à sociedade patriarcal e desigual (Cosson, 2020, p. 101).

A decodificação da história do povo negro, relatada no conto “Regina Anastácia”, a partir de uma leitura de oposição ao racismo, abre espaço para darmos visibilidade às nossas ancestralidades. Tais constatações foram feitas a partir da decodificação dos diferentes pontos de vista que essa narrativa nos apresenta, ao resgatar a história de luta, resistência e superação do racismo. Particularmente, observamos que o texto de Evaristo é marcado por uma sobreposição de vivências, escrituras, presentes nos relatos de Regina e nas vozes de mulheres negras que resistiram aos diferentes processos de segregação social.

Ao partirmos das pistas que amaram essas vozes, valorizamos a organização estética dessa narrativa que nos convida a exercermos a alteridade e a nos colocarmos no lugar do outro. Especificamente no lugar da mulher negra, que questiona os privilégios da elite, reproduzidos em diversos tipos de exclusão social. Somente com diferentes abordagens de revisão da história, poderemos ressignificar os valores herdados da matriz cultural africana, tão pulsantes na identidade brasileira e valorizados na literatura afro-brasileira como destacado por Duarte (2011).

Assim, quando apresentamos a análise de obras pertencentes à literatura afro-brasileira, dentro a perspectiva social-identitária, estamos ampliando o cânone e propondo leituras que exploram as marcas dessa literatura, destacando a questão da autoria e o engajamento do/a autor/a com seu povo, como observamos no exemplo de Evaristo em “Regina Anastácia”. Nesta leitura, priorizamos essas marcas e as particularidades da escritura de Evaristo como a sororidade entre as mulheres e a valorização da ancestralidade negra.

Para Djamila Ribeiro, em seu *Pequeno Manual Antirracista*, precisamos romper com os privilégios estéticos impostos pelos discursos hegemônicos, visto que “numa sociedade como a nossa, de maioria negra”, não podemos mais concordar que a formulação do saber seja exclusiva de um grupo, precisamos entender de uma vez por todas que “o privilégio social resulta no privilégio epistêmico, que deve ser confrontado para que a história não seja contada apenas pelo ponto de vista do poder (2019, p. 65).

Portanto, privilegiar leituras de oposição ao racismo é uma estratégia para práticas de decodificação das exclusões sociais. Como destacado no ponto de vista da protagonista Regina Anastácia, devemos contestar a naturalização dos privilégios da elite brasileira. Nessa perspectiva, destacamos a importância de cada vez mais trazeremos textos desafiadores de autoria afrodescendente para que possamos desconstruir conceitos, discursos e estereótipos com o intuito de formar leitores/as participantes no combate ao racismo.

## Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira. Leitura Literária para crianças brasileiras: das fontes às margens. In: SOUZA, Renata Junqueira; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (org.). *Leitura Literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 7-11.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2017.
- CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- COSSON, Rildo. *Paradigmas do ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 2020.
- CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor*. Salvador: EDUNEB, 2012.
- DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In DUARTE, Eduardo de Assis FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs). *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2007.
- GOMES, Carlos Magno. Leitura e estudos culturais. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, v. 1, n. 16, p. 25-44, 2010.
- GOMES, Carlos Magno. O modelo cultural de leitura. *Revista Nonada*, Porto Alegre, v. 1, n. 18, p. 167-183, mai./jul. 2012.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001. cap. 4, p. 83-96.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução: Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Estudos afro-brasileiros: africanidades e cidadania. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (Org.). *Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 37-55.

SOUZA, Florentina da Silva; LIMA, Maria Nazaré Mota de. *Literatura afro-brasileira*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.